

HERMES ESTÁ CANSADO? INTERROGAÇÕES A PROPÓSITO DO PARADIGMA DA COMUNICAÇÃO APLICADO A SITUAÇÕES DE INTERLOCUÇÃO HUMANA

Francisco Martins

Universidade de Brasília

RESUMO - O paradigma da teoria da comunicação é discutido em suas grandes linhas e em relação especialmente ao universo de interlocação humana. O texto objetiva mostrar que a polarização do paradigma no pólo objetai (mensagem) em detrimento do sujeito o torna inadequado a uma melhor compreensão da comunicação humana. São apontados alguns fenômenos específicos e fundamentais do espaço de interlocação humana que exigem melhor pensar a questão epistemológica do sujeito em relação à comunicação lingüística.

IS HERMES TIRED? INTERROGATIONS ABOUT THE PARADIGM
OF COMMUNICATION APPLIED TO HUMAN VERBAL EXCHANGE

ABSTRACT- The communication theory paradigm is discussed in its major lines, and specially, concerning the universe of human interlocution. The text aims to show that the paradigm polarity on the object pole (message) instead of the subject makes it inadequate to a better understanding of the human communication. We point out some specific and fundamental phenomena of human speech which require a better thinking of the epistemological question of the subject in relation to the linguistics communication.

INTRODUÇÃO

A extraordinária difusão do esquema de comunicação cibernética e sua conseqüente aplicação em campos diversos é surpreendente. Pois, originalmente concebido a partir de um modelo de funcionamento de centrais telefônicas, Hermes serve como paradigma explicativo em domínios radicalmente diferentes, como demonstram as teorias sobre a comunicação intercelular (RNA Mensageiro) na Biologia; as explicações sobre trocas simbólicas em sistema complexo de casamento (Lévi-Strauss) na Antropologia; assim como, na Economia, os termos produtor-mercadoria-consumidor não deixam de refletir uma forte analogia com o esquema reduzido de Hermes (Emissor-Mensagem-Receptor). 'Last but not Least', o mesmo esquema é largamente aplicado e difundido, visando explicara situação de interlocação humana, fundamento da prática clínica psicológica. O interesse deste trabalho é, portanto, introduzir algumas interrogações a propósito deste paradigma, especialmente quando aplicado a situações de interlocação humana.

O paradigma Hermes e melhoramentos a ele realizados

Denominamos o paradigma criado inicialmente por Shannon e Weaver (1949) como Hermes, visto ser este o Deus grego mais apto a realizar de maneira pragmática as trocas entre diversas localidades. Trata-se de realizar, nesta concepção, com o máximo de eficiência e o mínimo de energia, a transmissão de uma determinada mensagem através de um canal, de um ponto chamado emissor, a outro, chamado receptor. Identificamos este esquema a Hermes, ou a Mercúrio, seu correspondente entre os Romanos, pela extraordinária valorização da transmissão da mensagem. Sendo Hermes o mensageiro padrão, ele encarna o aspecto finalista e pragmático do paradigma em questão, exemplificando a sobrevalorização do objeto (mensagem).

Reduzir Hermes à trilogia que o tornou popular (emissor-mensagem-receptor), seria não levar em conta o esquema original e nuances que o mesmo comporta. Estas diferenças, que aparecem no esquema original (Fig. 1), são importantes porque apresentam melhorias significativas à mencionada trilogia.



Fig. 1 - Esquema de comunicação cibernética, reproduzido de Shannon e Weaver (1949).

F = FONTE

E = EMISSOR

R = RECEPTOR

D = DESTINATÁRIO

M1 = MENSAGEM INICIAL

M2 = MENSAGEM FINAL

Uma primeira observação interessante a indicar diz respeito à linearidade do paradigma. A seqüência linear de instâncias que se observa no esquema acima, oferecendo assim uma leitura em três termos, parece ser um dos fundamentos da vulgarização do esquema em termos da trilogia que indicamos. Na verdade, o emissor (ou unidade de emissão) e o receptor (ou unidade de recepção) são um pouco mais complexos que a redução aos termos mais simples do referido esquema. A complexidade, ou seja, a divisão da unidade de emissão em Fonte, M1 (mensagem 1 ou mensagem inicial) e Emissor propriamente dito, bem como a subdivisão da unidade de recepção em Receptor, M2 (mensagem 2 ou mensagem recebida) e destinatário, marcam de saída o problema da compreensão entre os dois pólos. Isto é, ele deixa entrever que existe uma diferença entre M1 e M2 mesmo que o sinal (mensagem) tenha sido transmitido sem interferência (ruído). Nada impede de indicarmos a possibilidade da existência de 'ruídos semânticos'. A este título o exemplo do mal-entendido é relevante posto que, se compreendido somente como um distúrbio, pode descartar as implicações comunicacionais e afetivas que o mesmo implica. Ao mesmo tempo toda comunicação que coloque em dúvida a capacidade do receptor de compreendê-la, será negada enquanto mensagem, com

severa implicação ideológica totalitária, já que se tratará somente de ruído. Em outros termos podemos dizer que, mesmo se uma mensagem tiver garantida a sua boa transmissão, nada assegurará que ela será interpretada da mesma maneira no outro pólo. Assim torna-se necessária a aceitação de um código exterior à atividade de codificação do emissor e à respectiva atividade de decodificação: a língua enquanto instituição social. Aceitar, contudo, que entre estas duas atividades existiria uma espécie de espelho é enganoso, tendo em vista o fundamento da utilização da língua de uma maneira pessoal, ganhando neste espaço de elaboração individual a atividade poética seu pleno desenvolvimento.

Um outro aspecto relacionado à linearidade do sistema prende-se ao fato do mesmo funcionar apenas num único sentido. Um trânsito realizado de tal maneira provocaria situações onde o receptor seria obrigado a se restringir tão-somente a uma passividade 'receptiva'. Tal fato não deixaria de estar relacionado a um uso do outro de maneira perversa, já que o receptor estaria apto somente a uma atividade de decodificação. Outrossim, o que é mais grave para o paradigma, a própria função da comunicação (do Latim-Communicare: tornar comum) ficaria comprometida em vista da passividade do receptor, que não poderia dar sinal de vida. Impõe-se assim um acréscimo ao paradigma para demonstrar a existência ativa do receptor em interação com o emissor.

Fazendo apelo à idéia de homeostase originariamente elaborada por Claude Bernard para explicar o funcionamento do corpo humano, o paradigma é acrescido da idéia de retroalimentação (**feed-back**). A idéia de Claude Bernard, como indica Foucault (1975), parte de uma analogia do corpo humano com a máquina. Da mesma maneira o paradigma que estudamos também se utiliza da máquina para explicar situações de sujeito produtor da mensagem. Ela propõe o seguinte acréscimo ao modelo conhecido, de forma a justificar o fato que o emissor (destinatário, no esquema abaixo) está ciente e 'recebe' a sua própria mensagem antes de receber a retroalimentação (Fig. 2).

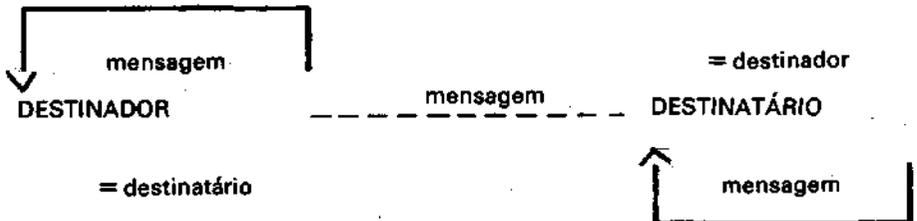


Fig. 2 - Esquema de comunicação segundo Kristeva (1981, p. 13).

Kristeva resume assim a problemática existente sobre o emissor e o receptor em termos de uma dialética: "Cada sujeito falante é alternadamente destinatore destinatário de sua própria mensagem, pois ele é capaz, **ao mesmo tempo**, de emitir uma mensagem e de decifrá-la, e, em princípio, não emite nada que ele não possa decifrar. Assim, a mensagem destinada ao **outro** é (...) de **início**, destinada ao mesmo que fala: de onde decorre que falar é se falar" (1981, p. 13).

Justificar Hermes indicando que ele se interessa somente com os aspectos pragmáticos da comunicação lingüística, implica em insistir na exclusão do sujeito e de não levar em conta que a classificação do campo semiótico, promovida por

Morris (4) - entre pragmática, semântica e sintaxe - tem um caráter eminentemente didático. A pragmática seria, nesta classificação, o domínio da teoria da informação mais próximo da Psicologia, pois se interessa por efeitos provocados nos organismos, ou seja, o comportamento. Como estamos a indicar, Hermes só se interessa por determinadas áreas da Psicologia, pois, logo que se apresentem situações, as mais banais, onde exista a intervenção de um sujeito consciente, as dificuldades se tornam insuperáveis, exigindo a anexação de toda uma série de explicações que, finalmente, vêm somente camuflar e indicar a existência de um sujeito presente no pano de fundo da unidade emissora.

O emissor e suas metamorfoses

A unidade emissora, compreendendo uma fonte e um emissor, parte de um pressuposto que vem corroborar a hipótese de que Hermes tenta extirpar a presença do sujeito de seu paradigma. **Tal pressuposição é de que a unidade emissora é capaz de produzir sentido e significação de maneira espontânea.** Ou seja, existe a emissão de sinais supostamente intelegíveis, possíveis de serem compreendidos por outros, mas não se indica como, porque e onde é finalmente elaborada a mensagem.

Enquanto se estiver a falar do registro tipo comunicação de sinais físicos, o esquema pode ser sustentado, visto não estar em questão a existência do sujeito. Contudo, logo que se passa para o universo de interlocução humana, outras dificuldades aparecerão com relação ao mesmo. Por que tal violência praticada contra o sujeito?

Uma indicação possível prende-se à própria concepção científica de Hermes, bem como à concepção do universo discursivo humano. Um elemento importante a se levarem conta em toda análise possível de tal assunto, seria não esquecer que o discurso dito científico é apenas um dos tipos possíveis de discurso. Ele, por outro lado, tal como o discurso religioso, a poesia, a argumentação de um vendedor etc, não está isento de sofrer uma análise.

Assinalamos que, de uma maneira geral, um texto dito de boa qualidade científica prima por certas características: especialmente pela descrição, com uma acentuação marcada sobre figuras metonímicas, interessando-se por uma objetivação extrema do texto. Em outras palavras, o objeto de estudo deve estar sempre em primeiro plano, sendo, em geral, eclipsado o sujeito através de manobras diversas, como, por exemplo, a utilização do impessoal ou da primeira pessoa do plural. Simplesmente o jargão científico não explica tal tipo de hábito de tratar o sujeito. E compreensível que seja privilegiado o objeto neste tipo de discurso, onde não está em questão o sujeito. Porém, utilizar tal concepção para explicar tipos de discurso, onde o sujeito está bem presente, é uma violência. No caso de Hermes, a violência é realizada notadamente por aplicar uma concepção científica positiva, onde não existe espaço para o sujeito. Assim, explicar situações de interlocução humana pelo dito paradigma pode ser desastroso, visto que neste caso o sujeito é principalmente presença.

Isto justifica também que uma das reações contrárias a esta operação de desvanecimento (**fading**) do sujeito tenha partido do domínio da crítica literária - por exemplo, os estudos de Mickail Bakhtine (1981) - dado o envolvimento do sujeito com o seu próprio objeto de estudo. Ver-se-á, em muitos casos, que o objeto em questão é o próprio sujeito, como ocorre freqüentemente nos enunciados das

pessoas em psicoterapia. Contudo, a identificação forçada, realizada entre emissor e o sujeito no paradigma em estudo, não nos parece satisfatória à luz dos fatos da comunicação lingüística humana. A identificação é problemática, por não permitir um mínimo de alteridade entre o emissor e a sua própria mensagem e por engajar o emissor em um jogo especular com este outro que será o receptor.

O fato de que o emissor é capaz, ele mesmo, de receber suas próprias mensagens, parece estar de acordo com uma certa divisão do sujeito. Visto existir somente um sujeito (o emissor), Hermes entraria em curto-circuito logo que um monólogo fosse enunciado. Este tipo de curto-circuito consistiria em uma espécie de esquizofrenização da comunicação humana, já que não haveria diferença entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Ocorreria aí uma espécie de engavetamento ("telescopagem") do sujeito, conhecido em psicopatologia como automatismo mental. Exemplifiquemos: quando enuncio: "Vamos para casa", incluo-me (eu) no sujeito 'nós'; nem por isso, o outro, que pode se imaginarfazendo parte de 'nós', é obrigado a se incluir na mensagem. Contudo, todos saberão, especialmente este outro, que existe uma intenção de incluí-lo e ninguém duvidará que quem está a anunciar sou 'eu' e não 'nós'. Percebe-se haver uma diferença fundamental entre o sujeito (nós) da frase "Vamos para casa" e o sujeito que realizou o ato de enunciação (eu). Neste caso, entre o plano onde se apresenta o enunciado e aquele onde é formulado o mesmo, existe uma diferença fundamental a ser considerada, sob pena de ocorrer uma liquidação completa de toda conversação inteligente. Um chiste, uma ironia, o humor, o jogo de palavras e toda e qualquer situação de intersubjetividade entraria em colapso.

Caricaturalmente, se não se leva em consideração esta diferença, não existe mais a presença dos 'shifters' dentro da linguagem humana. Os pronomes pessoais seriam quase como nomes próprios, servindo para identificar as pessoas diretamente. Em outras palavras, para ser utilizado um pronome pessoal, é necessário que o indivíduo se reconheça como um sujeito, diferenciando-se dos outros. Para existir a comunicação é também necessário reconhecer que existem regras definidas anteriormente. Como veremos, a idéia de um código exterior à mensagem é necessária para ser incluída no esquema da comunicação cibernética. Este aspecto tem sido, de uma maneira geral, estudado com relação à mensagem, ou melhor, aos sinais que a constituem, apresentando uma exterioridade esdrúxula com relação ao sujeito produtor da mensagem. Assinalemos, portanto, que, na inexistência de lugar para o sujeito no esquema Hermes - verdadeiro proprietário e gestor do código - este conceito de código será ligado ao estudo da mensagem, que, na verdade, já é uma espécie de produto da elaboração do sujeito e da língua.

A mensagem

O canal é reconhecido como o veículo físico onde é conduzida a mensagem. Objetivando idealmente que uma transmissão de sinais se faça sem nenhuma ou pouca perturbação, garantindo assim a boa qualidade de recepção, é criada a noção de 'ruído' (vindo do espaço) exterior ao canal. Baseando-se Hermes na sua eficácia pragmática, onde o emissor ocupa todo o espaço semântico de criação de mensagens, todo o restante do esquema vai se fundar sobre a idéia de garantir a chegada da mensagem da maneira mais correta e sem ambigüidade possível. Contudo, a noção de 'ruído' não se tornaria enganosa logo que se aplique Hermes a

situações de diálogo? Esta questão põe em dúvida, de um lado, a validade de transposição analógica do esquema Hermes, apropriado a explicar idealmente a comunicação entre máquinas, e não as situações de diálogo. O fosso entre os dois casos é demasiado grande para ser ultrapassado analogicamente.

Por outro lado, não seria demais afirmar que, adotando a noção de ruído, Hermes se engaja em uma via de eminente eliminação do meio ambiente? Se se assimila à noção de ruído a idéia de estímulos outros que vêm do meio ambiente, excluir este tipo de ruído seria fatal para a própria compreensibilidade da mensagem. O contexto ambiental, com os seus diversos ruídos, de fundo ou não, figura ou fundo, é, contrariamente, fator importante na compreensão da mensagem. Em outras palavras, muitas vezes a estimulação ambiental faz parte da própria mensagem e contribui para eliminar e clarificar ambigüidades; o ruído, neste caso, é informação também. Percebe-se que, contrariamente ao que o esquema Hermes possa induzir, em comunicação lingüística não se trata de excluir os ruídos, mas de fazer chegar ao outro interlocutor o contexto e ambiente das diversas interações relacionadas à mensagem.

A noção de mensagem é assimilada também à idéia de sinal e à materialidade física do mesmo. Tal assimilação, que aparentemente visa a preservar o objeto específico de estudo de Hermes restrito aos aspectos pragmáticos, tende a fazer desaparecer os aspectos semânticos ou de significação da mensagem. Esta se faz em 'absentia', reenviando a uma série de idéias. Tomar o sinal como unidade de estudo da comunicação lingüística é se ater aos aspectos puramente positivos da mesma. Ou seja, na falta de sinais, de recepção de estímulos de um outro, não significa que não esteja havendo comunicação. Digamos que o silêncio, às vezes, é mais significativo que qualquer estimulação acolhida; isto é, o silêncio, na sua negatividade, é comunicação.

A fraqueza da tese da constituição da mensagem feita somente de sinais parece se prender a uma redução do campo semiológico. Um sinal pode ser definido dentro da teoria semiótica como anterior ao signo, no limite exterior ao campo semiótico, pois ele não inclui a possibilidade de pensar e de representar, servindo em geral somente de traço distintivo mínimo. Um sinal é feito para responder: a atividade de arco-reflexo mais simples serve-lhe de modelo. Diferentemente o signo serve para pensar, para evocar no outro algo próprio não ao produtor, mas ao receptor. Ora, se a atividade representativa, inerente ao sujeito, é excluída, Hermes deverá ser modificado para incluir toda uma série de funções da linguagem, como os aspectos emotivos, referenciais, cognitivos, metalingüísticos...

Esta modificação foi realizada especialmente por Roman Jakobson (1970) na sua célebre teoria de comunicação lingüística. As contribuições do mesmo vão no sentido de mostrara complexidade que envolve a comunicação. Ele acrescenta ao esquema Hermes um inventário de funções baseadas em cada elemento que contribui para o ato de comunicação. Um tal inventário, longe de esgotar a complexidade do ato de comunicação, serve especialmente para demonstrar a exclusão do sujeito do paradigma. Mesmo se existe uma preocupação de indicar uma função - "emotiva" - como centrada no emissor, não chega a indicar por exemplo que o sujeito é proprietário do código, já que este só é visto na sua condição de exterioridade radical. A língua só é vista como uma entidade ideal desprovida de verdadeiros usuários. Mas o que se percebe no dia-a-dia não é que a palavra é um ato individual, secretada no íntimo do sujeito? Este, querendo ou não.

uma vez que teve acesso à palavra, terá um código in-corporado que lhe fornece competência na medida que é interiorizada. No dizer de Garcia Bardón (1581) esta concepção praticou "verdadeiras degradações" (p. 5) à concepção de Santo Agostinho da comunicação, fonte originária de Jakobson.

Excluir o sujeito da mensagem implica também um efeito importante na pragmática da comunicação, já que toda uma série da "speech-actes" deixa de existir em tal concepção. Ou seja, a fala tem efeitos sobre os outros, sobre o mundo. Ela influencia, seduz, induz, constrói ideais, fornece prazer, mata... Em resumo, ela é performante. Não se pode esquecer portanto que este poder é largamente utilizado em Psicologia Clínica e não deve ser relegado a um segundo plano de estudos.

Finalmente se o conceito de mensagem é restrito simplesmente à sinalização eletrônica, ela tenderá a ser deglutida por uma espécie de esvaziamento do signo lingüístico. Este esvaziamento, correlato de um esfriamento terrificante do universo do signo, é grave pela sua significação em uma disciplina que se ocupa de seres humanos. No domínio que nos interessa, as palavras, mais do que nunca, mostram que elas são carregadas de significação, tornando-se signos do próprio sujeito em construção e desconstrução perpétua. Outrossim elas adquirem uma dimensão especial que diz respeito ao sofrimento. Isto é, a entrevista psicológica terapêutica implica quase sempre este "leitmotiv" do pedido de ajuda- Por vezes, isto virá marcado nas 'fácies' do sujeito, no corpo, imbricando definitivamente o sujeito e a própria mensagem imprimida no mesmo. Este aspecto especial de uma verdadeira semiologia clínica foi destacado principalmente por Lacan (1978), logo que ele propôs em um seminário a este propósito a seguinte asserção: "As vezes, o mensageiro se confunde com a mensagem. Se ele tem alguma coisa escrita no couro cabeludo ele não pode nem mesmo lê-la em um espelho, é necessário tocê-lo para ter a mensagem. Neste caso, nós temos a imagem da mensagem em nós mesmos? Um mensageiro que tem uma mensagem escrita sob seus cabelos é ele mesmo uma mensagem?" (p. 323).

O receptor: speculum do emissor

O receptor dentro do esquema cibernético realiza um papel eminentemente passivo. O fundamento desta passividade do receptor prende-se à idéia de que uma mensagem, no processo comunicacional, serve tão-somente a ser transmitida de um pólo ativo a este outro pólo que não serve senão à recepção. Da mesma maneira que se pode interrogar sobre a função do sujeito no pólo de emissão, no pólo receptor existe a suposição da existência "Deus ex-machina" da possibilidade de compreensão da mensagem, ou seja, da sua decodificação. Visto que estas questões foram já levantadas sobre o papel do emissor, nos parece suficiente indicar o jogo especular existente entre os dois pólos de Hermes. Esta especularização no nível da comunicação humana implica a suposição idealista que o outro é igual ao primeiro, evocando a idéia de um isômero perfeito que faria o processo comunicacional girar em torno de uma dialética sem alteridade. Ou seja, supor que este outro a quem destinamos mensagens vai nos compreender perfeitamente, é não se dar conta da diferença entre sujeitos em comunicação, que têm a capacidade de produzir e evocar um ao outro significações que ultrapassam suas próprias vontades. Uma verdadeira comunicação entre sujeitos implica o reconhecimento do outro como ser diferente, escapando assim a este jogo de espelha-

mento mortífero. A especularização é própria do discurso paranóico, onde um "Eu" enorme não concede nenhum espaço de existência ao outro, pois ocupa todo o espaço possível de interlocução.

Mas sublinhando tão-somente o caráter de alteridade desde outro que é o nosso receptor, não se estaria caindo na falácia de supor que a palavra seria endereçada somente a este outro que nomeamos "Tu"? A existência de uma terceira pessoa diferente do "receptor" é fato corrente em inúmeras situações de interlocução humana. O receptor, cindido e multiplicado inúmeras vezes, não chegará nunca a explicar o caráter radical da existência do "ele". Em situação terapêutica é freqüente a constatação de que a palavra nos é endereçada mas visando um terceiro. Ou seja, muitas pessoas procuram terapia para dizer ao terapeuta o que não lhes é possível dizer na sua vida em comum. Da mesma maneira existem discursos onde a palavra é dirigida a um terceiro excluído da relação emissor-receptor. Toda uma grande parte da liturgia não visa endereçar a palavra ao Outro? Outras pessoas procuram principalmente se assegurar da boa compreensão dos outros, através da introdução de maneira intercalar de um "né?", "entendeu?", que podem ser a marca do reconhecimento da existência do outro.

CONCLUSÕES

As interrogações apresentadas a respeito de Hermes partem de uma qualidade do mesmo, ou seja, sua capacidade heurística de suscitar problemas e novas questões. Ao longo deste trabalho procuramos mostrar que este paradigma visa fundamentalmente a excluir o próprio sujeito do processo de comunicação em benefício de um objeto que é a mensagem. Esta escotomização é fruto de uma concepção positiva onde o objeto de estudo torna-se o elemento único a ser levado em conta. Na verdade, pode-se indicar que, no processo de comunicação, os sujeitos em ação são tão importantes quanto o objeto, sendo uma falácia polarizar um tal processo em um só dos seus aspectos. As línguas latinas mostram bem, através da semântica do verbo comunicar, o engano de polarizar uma análise somente no pólo objetai. Diz-se diferentemente comunicar "algo", e comunicar "com alguém". Da mesma forma o inglês ("to acquaint someone of a fact" ou "to communicate with someone") e o alemão ("mitteilen" ou "in Verbindung sein mit") marcam a diferença entre a transitividade de comunicar "algo" e a tendência à intransitividade do comunicar "com". Nesta dialética remarcável, entre o ter e o ser, entre a transitividade do objeto e a intransitividade do sujeito, Hermes se obstrui no pólo objetai. Se esta polarização não é inocente, pois serve a uma concepção cientificista da comunicação humana, ele também não deixa de escotomizar fenômenos fundamentais para os quais este paradigma é chamado a explicar.

REFERÊNCIAS

- BAKHTINE, M. (1981). *Le Príncipe Dialogique*. Paris: Seuil.
- FOUCAULT, M. (1975). *La Naissance de la Clinique*. Paris: Gallimard.
- GARCIA BARDÓN, S. (1981). *Semantique du Texte*. Louvain-la-Neuve: Cabay.
- JAKOBSON, R. (1970). "Lingüística e teoria da Comunicação" in *Lingüística e Comunicação* (coletânea de textos de R. Jakobson). São Paulo: Cultrix.

KRISTEVA, J. (1981). *Le I engage, cet inconnu - Une inidation à la linguistique*. Paris: Seuil.

LACAN, J. (1978). "Ou est la parole? Ou est le langage?" in *Seminaire II-Lemoidans la theorie de Freud et dans la technique de la Psychana/yse*. Paris: Seuil.

MORRIS, C (1964). *Signification and Significance*. Cambridge: MIT Press.

SHANNON, C &WEAVER, W. (1949). *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press.

Texto recebido em 6/2/86.